



10

HEBREUS A APOCALIPSE

COMENTÁRIO BÍBLICO BEACON

Richard S. Taylor
A. F. Harper
Roy S. Nicholson
Eldon R. Fuhrman
Harvey J. S. Blaney
Delbert R. Rose
Ralph Earle

COMENTÁRIO BÍBLICO
BEACON

A Epístola de
JUDAS

Delbert R. Rose

Introdução

A. Autoria

Uma vez que Judas (uma forma derivada de Judá) era um nome comum nos tempos bíblicos, de que maneira podemos identificar o autor dessa carta? Dos seis Judas diferentes no NT, somente dois podem ser seriamente considerados como provável autor — Judas, o apóstolo (“não o Iscariotes” — João 14.22) e Judas, o irmão de Jesus (Mt 13.55).

Alguns acreditam que essa carta foi escrita por um Judas desconhecido e a frase “irmão de Tiago” (Jd 1) é uma interpolação posterior para elevar a autoridade da epístola. Poucos consideram a carta como pseudônimo.¹

Problemas de autoria tornam-se complicados quando alguns estudiosos — tanto no meio católico quanto no protestante — entendem que Judas, o apóstolo, (Thaddaeus — Lebbaeus) é o mesmo que Judas, o irmão de Jesus. Eles interpretam “irmão” em Marcos 6.3 (cf. Mt 13.55) em um sentido muito amplo, como que significando “parente”. Essa posição entende que as epístolas de Tiago e de Judas são de autoria dos apóstolos, os filhos de Alfeu e de uma certa Maria, uma parente próxima da Maria de Nazaré. Essa posição, no entanto, não se enquadra com Marcos 3.31 e João 6.70—7.5, que claramente indicam que, depois que os doze apóstolos foram escolhidos, os próprios irmãos de Jesus continuavam não crendo nele.

Se Judas, o apóstolo, fosse o autor da carta, será que não teria feito menção ao seu apostolado, especialmente à luz do seu alvo de combater a heresia (v. 17)? E se Tiago, o “irmão”, fosse apóstolo, porventura Judas não o teria reconhecido como tal, especialmente se seu alvo era o de a sua carta ter grande aceitação e autoridade?

Este autor concorda com Guthrie, que depois de avaliar os diversos pontos de vista — antigos e modernos —, disse que “o equilíbrio da probabilidade” favorece Judas, o irmão de Jesus, como o mais provável autor dessa carta”.²

B. Propósito

Com a clara intenção de escrever uma exposição acerca da “nossa salvação comum” (v. 3, ASV), Judas sentiu-se constrangido em mudar o seu alvo e publicar “um tratado para a época”. Sua carta é uma exortação premente (v. 3), planejada para advertir a Igreja contra certos hereges que estavam infiltrados nela. “O propósito de Judas é o mesmo do propósito principal de Segunda Pedro: exortar contra falsos mestres e encorajar à firmeza na fé”.³

O propósito imediato de Judas era claramente prático, nem por isso deixou de apresentar uma profunda base teológica. Ele refere-se à atitude dos hereges em relação a assuntos como graça, pecado, Cristo, sexo, anjos, autoridade (divina e humana), unidade cristã e acerca das “últimas coisas”.

Enquanto aponta para o julgamento que virá sobre os pervertidos e apóstatas, Judas persuade seus leitores a promover uma vigorosa “defesa da fé” ao intensificar disciplinas espirituais para si mesmos (vv. 20,21) e a preocupação evangelística para com os outros (vv. 22-33).

Dois males notórios — não sem conexão em muitos casos — incomodavam a Igreja no final dos tempos apostólicos e pós-apostólicos: 1) antinomismo e 2) gnosticismo. Judas escreve tendo em mente esses dois erros — pelo menos na sua forma primária.

1) Os antinomistas afirmavam que a graça os tinha libertado da lei moral. Eles argumentavam que, uma vez que a graça pode perdoar qualquer pecado, realmente não importa o que fazemos, porque a graça será tanto mais abundante onde o pecado é maior (cf. Rm 3.8; 6.1, 15). Dessa forma os heréticos transformaram a graça de Deus em uma desculpa para cometer todo tipo de imoralidade (vv. 4, 18,19). Ao longo dos séculos, os antinomistas se rebelaram repetidas vezes na Igreja. E “continuam existindo muitos”, escreve William Barclay, “que em seu coração negociam o perdão de Deus, e que tornam a graça de Deus uma desculpa para pecar”.⁴

2) “O gnosticismo se expressava de diversas formas, mas seu ensino básico era que a salvação é alcançada por meio do conhecimento (*gnosis*)”,⁵ e não pela fé salvadora em Jesus Cristo. Sua suposição básica era de que o universo é dualista, composto de matéria (que é inerentemente má) e o espírito (que é essencial e absolutamente bom). Conseqüentemente, o gnosticismo não podia aceitar “plenamente a doutrina bíblica da criação, encarnação ou ressurreição”.⁶ Os gnósticos, portanto, negavam a unidade da trindade e a singularidade de Jesus Cristo como o *único* Mediador da criação, revelação e julgamento (vv. 4, 14, 15, 24, 25, ASV). Para eles, o pecado não tinha nenhuma “seriedade moral” e, conseqüentemente, não havia uma necessidade real para a obra expiatória de Cristo como a única forma de obter perdão e pureza.⁷

C. Data e Destino

Data: Eusébio escreveu na sua *História Eclesiástica* acerca de dois netos de Judas que foram intimados a um interrogatório diante do imperador Domiciano (81-92 d.C.) a respeito da sua descendência davídica e suas atividades atuais. Se Judas, irmão de Jesus, foi o autor da epístola, então ele deve ter escrito a carta antes do governo de Domiciano.

Uma vez que não é possível definir uma data específica para a carta de Judas, este comentarista concorda com Guthrie em deixar em aberto a questão relativa a quando — entre 65 e 80 d.C. — a epístola foi escrita e colocada em circulação.⁹

Destino: Não há evidências internas nem externas que nos assegurem o lugar da composição ou do destino originário da epístola de Judas. Sua saudação pessoal, no entanto, e sua descrição vívida dos “falsos irmãos” que se infiltraram na Igreja, sugerem um contato de primeira mão com eles, talvez enquanto estivesse em alguma viagem missionária (1 Co 9.5).

Alguns¹⁰ entendem que a carta foi escrita a uma “comunidade especial” de cristãos gentios, ao passo que outros acreditam que o uso do Antigo Testamento e dados encontrados em material apocalíptico judaico são uma clara evidência de que seu público alvo “provavelmente consistia de cristãos judeus”.¹¹ Essa última posição é provavelmente a mais indicada. Judas é classificado entre as “Epístolas Gerais [freqüentemente chamadas de ‘católicas’]” porque não é endereçada a nenhuma congregação específica ou individual, embora Judas tenha um público definido em mente (observe o uso de “vos” e “vós” na epístola).

D. Relação com 2 Pedro

Devido à grande semelhança entre Judas (vv. 4-19) e 2 Pedro (2.1—3.3) há uma grande discussão em como melhor explicar esse fenômeno.

Quatro, se não cinco, explicações têm sido apresentadas: 1) as duas epístolas foram escritas pela mesma pessoa — em que o autor de Judas ou de 2 Pedro ou os dois são pseudônimos; 2) cada autor — por inspiração divina — escreveu a sua carta sem fazer uso de uma fonte em comum; 3) Judas teve acesso à epístola de 2 Pedro; 4) o autor de 2 Pedro teve acesso à epístola de Judas; ou 5) possivelmente os dois autores tiveram acesso a uma mesma fonte (não mais disponível). Somente as últimas três posições têm recebido uma certa credibilidade da parte dos estudiosos.

Enquanto Charles Bigg¹² argumenta a favor do ponto de vista número três, J. B. Mayor¹³ defende o ponto de vista número quatro. Guthrie¹⁴ deixa isso como um problema literário sem solução, mostrando uma certa inclinação para a posição número três. Mas Reicke defende a posição número 5, aceitando “uma tradição comum que bem pode ter sido oral em vez de escrita”.¹⁵ Essa última solução parece plausível, especialmente quando vista à luz de Judas 3-4 e 17.

Um estudo pormenorizado de Judas ou de 2 Pedro requer uma comparação constante entre essas duas epístolas.

E. Recepção pela Igreja Primitiva

Beker expôs as seguintes razões de a epístola de Judas não ser universalmente aceita na Igreja Primitiva: seu “caráter negativo”, seu uso de literatura apócrifa e as dificuldades sobre uma clara identificação do seu autor, seus primeiros receptores e os hereges específicos aos quais ele se referiu.¹⁶ De acordo com Guthrie, um dos principais motivos de essa epístola permanecer na classe de “livros controversos” foi o “uso de livros apócrifos”¹⁷ por parte de Judas. Mas, apesar da sua brevidade e citações apócrifas, ela progressivamente recebeu um lugar sólido no cânon.¹⁸

F. Características

Embora a maior parte de Judas seja semelhante a 2 Pedro 2.1—3.3, essa carta tem seu estilo próprio e vívido. Os pensamentos de Judas são espontâneos e práticos, porém estruturados e contêm um toque de poesia (vv. 12,13). Uma das características mais distintas “é seu gosto por conjuntos de três”.¹⁹ No entanto, “a epístola não é a obra de um artista literário, mas de um profeta cristão apaixonado”.²⁰

Embora muitos chamem a atenção para a “linguagem crítica” de Judas, outros não percebem sua ênfase no amor e na misericórdia. Semelhantemente ao seu Senhor e Mestre (v. 4), ele manifesta sua aflição com um coração cheio de amor (Mt 23.13-39; Jd 3, 11, 17, 20, 21, 23).

Judas é o único autor do NT que cita o escrito apócrifo judaico chamado *O Livro de Enoque* e uma outra obra não canônica conhecida por *Assunção de Moisés*. Embora não

seja possível provar que Judas tirou citações desses livros, em vez de remontar a uma fonte comum para ele e seus leitores, a maioria dos estudiosos bíblicos acredita que ele citou essas obras quando falou da profecia de Enoque (vv. 14, 15) e da disputa de Miguel a respeito do corpo de Moisés (v. 9).

É possível que Judas tenha considerado esses livros inspirados? A maior parte dos estudiosos conservadores não acredita que ele o tenha feito. Mas, ao se deparar com a verdade nessas fontes, Judas, guiado pelo Espírito, usou-a da mesma forma que Paulo fez quando citou um poeta pagão (At 17.29), um profeta cretense (Tt 1.12) e um targum hebraico acerca de Êxodo 7.11 (quando citou Janes e Jambres, 2 Tm 3.8). O fato de Judas citar essas fontes não-bíblicas não quer dizer que as endossa nem quer nos dizer alguma coisa acerca da sua “concepção da pseudo-epígrafe judaica em geral”.²¹ Debaixo da orientação do Espírito, Judas tinha tanto direito quanto Paulo de usar fontes não-bíblicas para ilustrar a verdade.

G. Valor e Relevância Teológica

Do início ao fim, a epístola de Judas é cristocêntrica. Ele se baseia, como faziam todos os apóstolos, no único fundamento, “nosso Senhor Jesus Cristo” (vv. 1, 4, 17, 21, 25). Culminando sua epístola na nota do “único Deus, Salvador nosso” (v. 25), ele deixa amplamente claro que é teísta cristão — Deus é Um em natureza, mas Trino em personalidade — Pai (v. 1), Jesus Cristo (vv. 1, 4) e Espírito Santo (v. 20). Judas claramente sugere que o “único Deus” é Criador e Redentor, Legislador e Juiz de todo o universo. Ele é o Deus da graça e da glória (vv. 4, 24), da misericórdia e da majestade (vv. 2, 25), do amor e do julgamento (vv. 2, 6, 15, 21), da paz e do poder (vv. 2, 25), da salvação e da destruição (vv. 3, 5), do tempo e da eternidade (vv. 4, 25).

A vida cristã depende da graça expressando-se por meio da piedade — o oposto daquilo que os enganadores estavam praticando (vv. 4, 15, 16, 18). Um aspecto básico da teologia de Judas é o relacionamento inescapável entre crença e comportamento, entre o erro e a maldade, entre a fé saudável e boas obras.

As “últimas coisas” também são realçadas: a volta do Senhor (v. 14), o dia do julgamento (vv. 6, 15), o fogo eterno para os ímpios (v. 7) e vida eterna para os justos (v. 21). Ele mantém o equilíbrio necessário entre o amor e a ira de Deus, entre a soberania divina e a liberdade humana com responsabilidade *real*.

Qual a relevância de Judas? Nesta geração, com sua rebeldia e negação de Deus (e de Cristo) e com sua “nova moralidade” (que é *a antiga moralidade* de Sodoma revivida), nada podia ser mais relevante para os nossos tempos. “Enquanto as pessoas necessitarem de admoestações severas por causa das suas práticas”, escreve Guthrie, “a epístola de Judas permanecerá relevante”.²² Mais uma vez ela deverá se tornar “a cruz flamejante para despertar as igrejas” a uma ação vigorosa contra a ostensiva apostasia atual.

Esboço

I. SAUDAÇÃO, 1,2

- A. Laços Reconhecidos, 1
- B. Destinatários Identificados, 1
- C. Bênçãos Expressas, 2

II. APELO, 3,4

- A. Situação Crítica, 3
- B. Santos Batalhadores, 3
- C. Pecadores Corruptores, 4

III. APOSTASIAS, 5-16

- A. Julgamentos Passados sobre a Apostasia Coletiva, 5-7
- B. Perversões de Apóstatas Contemporâneos, 8
- C. Miguel, Modelo de Arcanjo, 9
- D. Práticas de Apóstatas Contemporâneos, 10
- E. Julgamentos Passados sobre Apóstatas Individuais, 11
- F. Julgamentos Preditos sobre Apóstatas Contemporâneos, 12-16

IV. ADMOESTAÇÕES, 17-23

- A. Lembrai-vos das Predições, 17-19
- B. Conservai-vos no Amor de Deus, 20,21
- C. Buscai Outros em Temor Piedoso, 22,23

V. A BÊNÇÃO, 24,25

- A. Cântico de Louvor dos Piedosos, 24
- B. Deus, nosso Salvador, 25

SEÇÃO I

SAUDAÇÃO

Judas 1,2

Na saudação de Judas aos leitores, duas características principais de uma carta do NT se destacam: o autor se apresenta e então invoca bênçãos sobre aqueles a quem escreve.

A. LAÇOS RECONHECIDOS, 1

De forma legítima, Judas poderia ter se referido ao seu parentesco próximo com Jesus, mas, preferiu escolher identificar-se como **servo de Jesus Cristo**. A palavra grega para **servo** (*doulos*), que significa “escravo”, não deveria evocar em nossa mente a posição ignominiosa que nós modernos atribuímos aos escravos. *Doulos* aqui sugere uma sujeição voluntária ao mestre. Judas professa submissão perfeita ao seu Mestre e Senhor celestial (vv. 1, 4). Ele ressalta o senhorio **de Jesus Cristo**, que pode ser reconhecido em todo documento. Essa carta foi originada por aqueles que rejeitavam, e mesmo negavam, a soberania de Jesus Cristo em suas vidas (v. 4).

Judas, de modo similar ao seu irmão Tiago, não fala simplesmente de **Jesus** ou de **Cristo** mas sempre dele como Senhor (cf. Tg 1.1; 2.1).¹ O título “Senhor” (v. 4) é a confissão de fé que Judas faz na natureza e autoridade divina daquele em quem ele não tinha crido inicialmente (Jo 7.3-5). A descrença inicial de Judas o condicionou a entender melhor aqueles que “negavam” o senhorio de Jesus.

Deixando de lado qualquer referência aos seus elos sanguíneos com Jesus, Judas prossegue chamando-se de **irmão de Tiago**, que muitos, incluindo este autor, acredita ter sido “Tiago, irmão do Senhor” (Gl 1.19). Tiago tinha se tornado bem conhecido por causa da sua importância na igreja de Jerusalém. A menção modesta de Judas como irmão de Tiago — e, portanto, também irmão de Jesus — traria o tom de autoridade necessária para uma carta tão severa como essa.

O caráter de Judas brilha por meio dessas referências a si próprio no versículo 1. “Poucas coisas”, declara William Barclay, “falam mais a respeito de um homem do que a forma como fala de si mesmo”.² Assim como o apóstolo André, Judas estava disposto a ser lembrado “pelo seu parentesco com o seu irmão bem mais famoso”.³

B. DESTINATÁRIOS IDENTIFICADOS, 1

A carta de Judas, como todas as epístolas do NT, foi dirigida a crentes professos. Ele escreve **aos chamados, queridos [...] e conservados**. Muitas traduções trazem “amados” (*egapemenois*) em vez de **queridos** ou “santificados” (*egiasmenois*) e seguem uma diferente ordem de palavras aqui. A NVI está provavelmente correta, quando traduz: “aos que foram chamados, amados por Deus Pai e guardados por Jesus Cristo”.

Os **chamados** são aqueles que, ouvindo o convite gracioso de Deus para a salvação, reagem com fé obediente. “Muitos são chamados”, mas somente os “poucos” que aceitam os termos do chamado “são escolhidos” (Mt 20.16. 22.14). E aqueles que perseverarem “até ao fim” (Mt 24.13) são descritos por João como “chamados, eleitos e fiéis” (Ap 17.14; cf. 1 Pe 1.5). Nenhum conceito é mais básico em todo o NT do que o conceito do chamado de Deus de — e para os — homens.⁴

Aqueles que atendem ao chamado da salvação tornam-se **queridos** ou “amados em Deus”. Será que esse é o amor de Judas por aqueles em Deus, o Pai, ou é o amor do Pai pelos cristãos? Mayor cita e aprova o ponto de vista de Hort de que se refere ao amor do Pai por aqueles “que foram preservados em Jesus das tentações por meio das quais outros sucumbiram”.⁵

A expressão **conservados por Jesus Cristo** ressalta as qualidades espirituais dos primeiros leitores de Judas. **Conservados** (*teteremenois*, tempo perfeito do verbo), indica que a preservação havia ocorrido até o tempo em que Judas escreveu a sua epístola. Mas Judas indica que esse processo de conservação não continuará automaticamente. Porque sua admoestação final inclui: “conservai a vós mesmos na caridade de Deus” (v. 21).

C. BÊNÇÃOS EXPRESSAS, 2

Uma vez que os primeiros leitores de Judas estavam “em Deus, o Pai, e guardados para Jesus Cristo” (v. 1, ASV), eles já estavam desfrutando de uma medida da **miseri-córdia [...] paz, e [...] caridade**. Sabendo que o crescimento espiritual é uma parte necessária da vida cristã, Judas apropriadamente expressa seu “desejo sincero” por um crescimento imenso dos dons da graça de Deus na vida deles. Esse avanço espiritual os equiparia para a luta crucial que estava diante deles.

Misericórdia divina (*eleos*, “a bondade imerecida de Deus”) sempre é a base sobre a qual Deus lida com seus filhos. A **paz** celestial (*eirene*, relacionamentos harmoniosos) sempre acompanha a **misericórdia** aceita. **Caridade** (*ágape*) é “uma afeição graciosa e santa, que a alma, por meio da compreensão do amor de Deus em Cristo, retribui a Deus outra vez por meio da sua própria graça”;⁶ ela não é encontrada na saudação inicial nos escritos dos outros autores do NT. Tanto a **caridade**, quanto a **misericórdia** e a **paz**, procedem de Deus. Então “nós amamos porque ele nos amou primeiro” (1 Jo 4.19).

Nesses dois primeiros versículos observamos o gosto de Judas pelo conjunto de três na formulação de seus pensamentos e no uso de palavras:

Judas, Jesus Cristo, Tiago
servo, “Mestre e Senhor”, **irmão**
chamados, “amados”, **conservados**
misericórdia, paz, caridade

SEÇÃO II

APELO

Judas 3,4

Embora Judas esteja prestes a expor certos “homens ímpios” que têm se infiltrado furtivamente na Igreja e estão agora sabotando sua fé e conduta, isso ocorre debaixo da cobertura da consciência e do amor (*ágape*) divino. Ele já mencionou o amor (caridade) divino duas vezes; aqui, no versículo 3, ele fala pessoalmente.

A. SITUAÇÃO CRÍTICA, 3

A atmosfera do julgamento divino que paira sobre a maior parte dessa epístola obscurece para a maioria dos leitores a atitude franca do seu autor humano. O uso de Judas de **amados** (3) — um termo que aparece mais de 60 vezes no NT — era mais do que uma palavra de transição entre a “Saudação” (vv. 1,2) e o “Apelo” (vv. 3,4) da sua epístola. Para ele, **amados** (*agapetoí*) incluía implicações pessoais e teológicas. De acordo com Cranfield, esse termo “resume o motivo central da vida cristã, indicando ao mesmo tempo o amor do orador ou do autor por seus irmãos e, por trás disso e mais importante, o amor de Deus em Cristo por todos”.¹

Toda a diligência de Judas ao escrever mostra sua seriedade e zelo pelo interesse da verdade do Senhor e pelo progresso do seu povo nessa verdade (cf. Hb 6.11; 2 Pe 1.5).

Tive por necessidade, isto é, “tornou-se uma necessidade urgente escrever-vos” (NEB). Judas sentiu-se divinamente compelido a mudar seus planos imediatamente e escrever essa carta específica.

Após desistir de escrever uma exposição **acerca da comum salvação**, Judas sentiu-se compelido a **exortar** os santos a apoiar-se mutuamente na sua situação crítica. Bengel escreveu que o alvo de Judas era emitir “um apelo sério” para um “dever duplo” — “*batalhar* seriamente em favor da fé, contra os inimigos e edificar-se a si mesmo na fé (v. 20)”.²

B. SANTOS BATALHADORES, 3

Aos santos (*tois hagiois*) era o nome que Judas dava à verdadeira Igreja (cf. At 9.13, 32, 41; 1 Co 1.2). Mayor acredita que Judas usa “aos santos” aqui como “um apelo aos irmãos a permanecerem firmes contra o ensino e prática dos libertinos”³ — aqueles “profanos” que estavam desmoralizando a Igreja.

Essa **fé** (*te pistei*), pela qual os **santos** devem **batalhar**, deve ser entendida de maneira objetiva ou subjetiva ou das duas formas combinadas? Com forte apoio entre os comentaristas, Alford entende que a **fé** aqui significa “o resumo daquilo que os cristãos crêem: *fé que é crida, não fé por meio da qual cremos*”.⁴ Mas Robertson acrescenta algo importante, insistindo que o aspecto objetivo da **fé** deve incluir “a vida moral que é a expressão dela [...] A *fé*, a religião cristã como um todo, deve ser preservada não só por uma doutrina saudável, mas também pela vida que vivem”.⁵

Pela fé que uma vez foi dada aos santos — “pela fé de uma vez por todas confiada aos santos” (NVI) — não deixa espaço para “inovações” tais como os “homens ímpios” (v. 4) estavam introduzindo. A palavra-chave é “de uma vez por todas” (*hapax*), que é aqui “usada como aquilo que foi feito de tal forma que possui validade perpétua e nunca mais precisa ser repetido”.⁶ Bengel insiste que a partícula *hapax* expressa “grande urgência”, visto que “nenhuma outra fé será dada”.⁷

Paulo, semelhantemente, ressalta essa qualidade imutável da fé cristã (Gl 1.8,9, 11,12; 2 Tm 1.13; 2.2). “Os princípios da verdade e vida cristã”, escreveu W. H. Bennett, “não eram uma moda passageira, mas permanentes e irrevogáveis [...] sempre ligados, mas o Espírito Santo guia cada geração a uma aplicação e compreensão desses princípios adequados às suas próprias necessidades”.⁸

A batalhar (“diligentemente”, ARA) — uma palavra no grego, *epagonizesthai*, que ocorre somente aqui no NT — é um termo forte, indicando uma luta ou disputa. Para o Dr. Mombert essa palavra significava “lutar, estando parado sobre uma coisa que é assaltada e que o adversário deseja tirar” — mas lutar de tal forma para protegê-la e retê-la.⁹

Judas está anunciando “uma chamada para a batalha”. Os **santos** devem “preparar-se para uma verdadeira luta pela fé” (Phillips). Wesley nos lembra que eles devem batalhar de maneira “humilde, meiga e amorosa; caso contrário, sua disputa vai somente danificar sua causa, se não destruir sua alma”.¹⁰ E as palavras de Paulo acabam com todas as “armas carnis” nessa batalha espiritual **pela fé** (2 Co 10.3-5).

C. OS PECADORES CORRUPTORES, 4

A influência dentro da Igreja de **alguns** [...] **homens ímpios** gerou a necessidade de escrever essa epístola. Eles **se introduziram** “dissimuladamente” (NVI) — uma pa-

lavra só em grego, de *pareisduein*, significando “infiltrar-se furtivamente”.¹¹ Essa palavra, de acordo com Barclay, “sempre indica uma insinuação secreta, furtiva e sutil de alguma coisa má em uma sociedade ou situação”.¹²

Esses **alguns** [...] **ímpios** — provavelmente ainda a minoria — já estavam debaixo de **juízo** (*krima*; sentença) “há muito tempo” (NVI). Williams traduz esse texto da seguinte maneira: “Sua condenação estava escrita havia muito tempo”.¹³ **Escritos** (*prographo*) significa escrever ou descrever de antemão (cf. Rm 15.4; Ef 3.3). Judas indubitavelmente está se referindo às Escrituras do AT, que servem de base para os versículos 5-15.

Nesse caso, **escritos** não significa, como Robertson corretamente indica, “que esses homens estavam ‘predestinados’ ou ‘escolhidos’ para o juízo, mas que a condenação que esses homens trariam sobre si mesmos já havia sido sentenciada ou mesmo ‘escrita’ havia muito tempo”.¹⁴

O **juízo** que estava sobre esses **homens ímpios** era devido ao fato de se desviarem da **graça de Deus** para a **dissolução**. Essa era uma acusação severa, mas plenamente justificada. **Dissolução** (*aselgeia*) denota indecência, indisposição em refrear, excesso, mesmo brutalidade e “devassidão”¹⁵ (cf. 2 Pe 2.1-3).

Esses **homens ímpios** (*asebeia*)¹⁶ haviam corrompido o conceito da **graça de Deus** de tal forma que a usaram como um disfarce para uma “imoralidade desenfreada”. Seguindo a linha gnóstica de pensar, eles criam que seus corpos eram essencialmente maus, por isso não era muito importante o que uma pessoa fazia em relação aos seus apetites, desejos e paixões. Além disso, eles criam que a graça de Deus era suficiente para cancelar, limpar e cobrir todo pecado! Por que se preocupar com o pecado, uma vez que a graça é maior do que todo nosso pecado? Em resumo, a preciosa graça de Deus “estava sendo pervertida para justificar o pecado”.¹⁷

Judas não só condena esses homens por causa do seu método *enganoso* e da *distorção* do evangelho da graça, mas também porque *negam* a **Deus, único dominador e Senhor nosso, Jesus Cristo**. Nos melhores manuscritos, a palavra **Deus** está ausente no versículo 4, dando a Wesley e a outros a base para a frase: “nosso único Soberano e Senhor, Jesus Cristo”. (2 Pedro 2.1 amplia o pensamento: “negarão o Senhor que os resgatou”.) Os cristãos primitivos consideravam Jesus o Soberano absoluto e Doador da Vida.¹⁸

No versículo 4 (e em 2 Pe 2.1), encontramos “Uma Síntese acerca da Apostasia”: 1) O Engano dos Apóstatas — infiltrando-se dissimuladamente; 2) As Distorções entre os Apóstatas — transformando a graça em motivo para continuar pecando; 3) As Negações dos Apóstatas — rejeitando o senhorio absoluto e os méritos expiatórios de Cristo; 4) A Condenação dos Apóstatas — debaixo de “juízo”.

SEÇÃO III

APOSTASIAS

Judas 5-16

A palavra **lembrar** (5; cf. v. 17) indica que o público-alvo de Judas estava familiarizado com o AT, talvez com alguns escritos apócrifos, e com as palavras, se não os escritos, dos apóstolos do Senhor.

A. JULGAMENTOS PASSADOS SOBRE A APOSTASIA COLETIVA, 5-7

1. *Israel Descrente* (v. 5)

Esses “homens ímpios” deveriam ter aprendido da história sagrada que seus pecados trariam sobre eles o desagrado divino tão seguramente como o julgamento caiu sobre o Israel descrente, os anjos infiéis (v. 6) e as cidades imorais de Sodoma e Gomorra (v. 7; cf. 2 Pe 2.4-6).

A frase **embora já estejais cientes de tudo uma vez por todas** tem sido traduzida de diversas formas, dependendo do significado de **uma vez** (*hapax*) e seu lugar devido na ordem de palavras. Moffatt e Mayor, seguindo o manuscrito Sinaítico, entendem que *hapax* está relacionado com o que o Senhor fez por Israel — “o Senhor ‘uma vez’ tirou o povo em segurança do Egito”.¹ Outros entendem que *hapax* está relacionado com o que os leitores de Judas conhecem — “embora já estivestes completamente informados de uma vez por todas” (RSV). Talvez Phillips e a NEB tenham a melhor solução para o problema ao considerarem que *hapax* nesse contexto simplesmente significa “vocês já sabem”, embora a mesma palavra no versículo 3 seja corretamente traduzida como “uma vez por todas”.

A identidade do **Senhor**, que **havendo [...] salvo um povo, tirando-o da terra do Egito, destruiu, depois, os que não creram** deixa perplexos muitos estudiosos bíblicos. Alguns manuscritos trazem o **Senhor** (*kurios*), que pode ser aplicado tanto ao Pai quanto ao Filho, enquanto outros trazem “Jesus” (*Iesous*) como o Libertador. Wolf entende que a evidência do manuscrito favorece a pessoa de “Jesus”, apesar da discordância de muitos estudiosos. Wolf menciona 1 Coríntios 10.4 (“Cristo”) como o apoio do apóstolo Paulo para o uso de “Jesus” por Judas aqui. Jerônimo aceitou o nome “Jesus”, acreditando, no entanto, que o nome tencionado era “Josué”, do mesmo modo que em Hebreus 4.8 (cf. ARC, ARA, NVI).² Porém em nenhum outro lugar Josué é considerado o libertador que livrou Israel do Egito.

O **Senhor [...] destruiu, depois, os que não creram** é a forma de Judas dizer que esses “homens ímpios” dentro do “novo Israel” (a Igreja) serão semelhantemente destruídos por causa da descrença.

2. *Anjos Infiéis* (v. 6)

Voltando ainda mais no tempo, antes mesmo do fracasso temível de Israel, à queda desastrosa de certos **anjos**, Judas apresenta um segundo exemplo de deserção. Os anjos **não guardaram o seu principado** de santidade e foram reservados para um estado irremediável de maldade.

A **habitação** dos anjos poderia significar sua “própria morada” (NVI), “própria esfera” (Phillips), ou “próprio lar” (Williams). Eles voluntariamente **deixaram** o seu domínio — que era o seu pecado! Mas, o seu comportamento fora da sua “própria esfera” tem sido debatido de tempos pré-cristãos até os dias atuais.

Muitos associam a alusão de Judas ao texto de Gênesis 6.1-4, entendendo que essa última passagem ensina que os anjos (chamados ali de “filhos de Deus”) desceram até a terra e, coabitando com mulheres, geraram uma raça de seres parcialmente humanos e parcialmente demoníacos, chamados de “gigantes” em Gênesis 6.4. O *Livro de Enoque* e outras tradições populares têm dramatizado essa “história dos anjos caídos”, e não poucos estudiosos entendem que tanto Judas 6 quanto 2 Pedro 2.4 referem-se a essa interpretação dada acerca de Gênesis 6.1-4. Para este comentarista, Jesus refuta a idéia de que os anjos tinham a possibilidade de cometer fornicação com humanos (Mt 22.30).

O Senhor **reservou** — “tem guardado”, NVI — os **anjos [...] em prisões** (correntes) **eternas até ao juízo daquele grande Dia**. Tendo-se recusado a permanecer dentro da sua esfera divina (de santidade e luz), os anjos foram presos e confinados ao inferno (*tartarus*) de acordo com 2 Pedro 2.4.

O **juízo daquele grande Dia** aponta para o grande trono branco de julgamento (Ap 20.11). Judas não tem nenhum interesse escatológico ao escrever a sua teologia.

3. *Cidades Imorais* (v. 7)

Repetidas vezes nas Escrituras, a destruição de **Sodoma e Gomorra** é escolhida como exemplo da ira de Deus contra o pecado (cf. Dt 29.23; Is 1.9; Jr 49.18; Am 4.11; Lc. 17.29; 2 Pe 2.6). Para os autores da Bíblia, **Sodoma** era sinônimo de impudência no pecado (Is 3.9; Lm 4.6), especialmente a libertinagem sexual.³ Os sodomitas se corromperam e foram **após outra carne** — talvez com animais e pessoas do mesmo sexo (cf. Rm 1.27).

Sodoma e Gomorra [...] foram postas por exemplo (modelo), sofrendo a pena do fogo eterno. Embora essas cidades tenham sofrido um castigo há cerca de 2000 anos a.C., elas continuam sendo ao longo dos séculos um tipo de castigo do fogo eterno que será o destino futuro de todos os incrédulos.

Em resumo, Judas revela “O Destino dos Apóstatas”, como pode ser progressivamente percebido: 1) Os israelitas incrédulos *foram* enterrados no deserto, v. 5; 2) Os anjos infiéis *estão* presos na escuridão infernal, v. 6 (cf. 2 Pe 2.4); 3) As cidades imorais foram queimadas com fogo — um exemplo do fogo *eterno*, v. 7.

B. PERVERSÕES DE APÓSTATAS CONTEMPORÂNEOS, 8

E, contudo — “Da mesma forma”, NVI — apesar da advertência divina por meio de exemplos do passado, apostasias de anjos e homens, de Israel e os gentios (vv. 5-7), esses apóstatas na Igreja prosseguem na sua descrença, rebelião e concupiscências.

Estes, semelhantemente adormecidos pensam que escaparão do julgamento de Deus que recaiu sobre os pecadores no passado. **Adormecidos** (“sonhadores”, *enupniázomenoi*) é um particípio presente “ligado de modo predicativo ao sujeito [**estes**] e assim pertence aos três verbos” — **contaminam**, **rejeitam** e **vituperam**.⁴ “Em tudo que fazem, esses hereges libertinos agem como sonhadores, e imagens irreais e figuras enchem suas mentes”.⁵ Um quadro muito similar aos falsos profetas do AT (Dt 13.1-5).

Esses sonhadores de falsos sonhos **contaminam a sua carne** ao dar lugar a instintos carnis e ao contar com a graça de Deus para cuidar de todo e qualquer pecado. Para eles “o pecado não é nada mais do que o expediente por meio do qual a graça recebe a oportunidade para operar”.⁶

Estes [...] adormecidos [...] rejeitam a dominação. Eles “rejeitam as autoridades” (NVI), mostrando um “completo desdém” por ela (Phillips). Calvino entendia que Judas tinha magistrados civis em mente quando se referia a **dominação e autoridades**,⁷ enquanto Bennett argumenta que Judas provavelmente tenha em mente as autoridades eclesiásticas.⁸ Plumptre provavelmente esteja mais próximo da verdade quando considera **dominação** (*kurioteta*, lit.: “senhorio”) como “incluindo todas as formas de autoridade” — divina e humana — e **autoridades** (*doxas*, lit.: “ilustres”) como que indicando “todos os anjos, bons ou maus”.⁹ (Cf. 2 Pe 2.10).

Estes [...] adormecidos [...] vituperam — literalmente, “blasfemam”. Eles repudiam o “senhorio autêntico”, diz Whedon, “e blasfemam de todos os ilustres e santidades da terra e do céu com termos e frases emprestados do seu próprio vocabulário obscuro”.¹⁰

C. MIGUEL, MODELO DE ARCANJO, 9

O arcanjo Miguel é um dos dois anjos citados em toda a Bíblia. O outro é Gabriel (Dn 8.16; 9.21; Lc 1.19, 26). **Miguel** — literalmente, “Quem é como Deus?” — é retratado por Daniel como o anjo guardião dos judeus — “o grande príncipe, que se levanta pelos filhos do teu povo” (12.1). No livro de Apocalipse, ele reaparece como “o anjo guerreiro” que luta contra o diabo e “seus anjos” (12.7-9).

Judas ressalta o aspecto da disputa de Miguel com o diabo (NEB) sobre o **corpo de Moisés** como uma advertência oportuna aos ímpios em relação às suas zombarias e reações blasfemas à “dominação” e “autoridades” (v. 8). **Miguel [...] não ousou pronunciar juízo de maldição contra ele**, em respeito à dignidade angelical original do diabo. Ele “não ousou condená-lo com escárnio” (Phillips).

Negando-se em ser juiz, Miguel resistiu ao diabo — como ocorreu com Jesus no deserto — ao citar as Escrituras, dizendo: **O Senhor te repreenda** (cf. Zc 3.1,2; 2 Pe 2.11).

Barclay acredita que a idéia essencial de Judas é que “se o maior de todos os anjos bons se recusou a falar mal do maior de todos os anjos maus, mesmo em uma circunstância como essa, então certamente nenhum ser humano deve falar mal de qualquer anjo”.¹¹ O mesmo se aplica aos relacionamentos humanos.

No versículo 9, encontramos “O Caso Padrão para um Julgamento: Miguel Contra o Diabo”: 1) Miguel *resistiu* ao diabo — como todos os cristãos devem fazer (cf. Tg 4.7); 2) Ele se *absteve* de palavras de insulto contra o seu oponente; 3) Ele *confiou* na obra e palavra do Senhor — cabe ao Senhor julgar, não aos homens ou anjos, e a Palavra divina continua sendo suficiente para refutar Satanás, quer seja usada pelos cristãos, um anjo ou o Filho de Deus.

D. PRÁTICAS DE APÓSTATAS CONTEMPORÂNEOS, 10

Estes, porém, apóstatas atuais, acham que são competentes e que têm liberdade de falar **mal** (*blasphemousin*, “derramar infâmia”, NVI) **do que não sabem**. O contexto mostra claramente que não conhecem o domínio dos anjos (vv. 8-9) e do Espírito de Deus (v. 19). No entanto, eles “estão prontos a difamar tudo que desconhecem” (Phillips; cf. 2 Pe 2.12).

E, naquilo que naturalmente conhecem — i.e., seus desejos e instintos naturais semelhantemente aos **animais irracionais** — não controlam nem usam racionalmente. Eles nem ao menos usam o “sentido animal” ao seguir seus apetites. Em vez disso, **naquilo** que têm em comum com os animais eles **se corrompem**. Na verdade, eles ficam numa posição inferior à dos animais (Rm 1.26,27).

Aqui está “O Evangelho do Sensualista Maduro”: 1) Ele *zomba* daquilo que vai além do seu conhecimento; 2) Ele é *controlado* por seu “instinto animal”; 3) Ele *mutila* suas possibilidades humanas pela verdadeira piedade.

E. JULGAMENTOS PASSADOS SOBRE APÓSTATAS INDIVIDUAIS, 11

Ai deles! Aqui Judas imita Jesus ao pronunciar um “ai” sobre esses corruptos “da fé” (Mt 23.13ss.). Nenhum outro apóstolo o fez. O autor de 2 Pedro, mostrando uma reação à apostasia parecida, usa “filhos de maldição” (2.14).

Eles “se corrompem” (v. 10) da mesma forma que **Caim, Balaão e Corá** (Korah) fizeram antes deles. Eles estão progredindo no mal, movendo-se em direção ao seu clímax (cf. Sl 1.1). Eles **entraram pelo caminho** da desobediência e **foram levados pelo engano** (lit.: “foram despejados” — uma “metáfora vigorosa para o prazer exces-

sivo”).¹² Eles buscavam o **prêmio** ao fazer o mal e acabarão terminando como os outros que **pereceram** nos seus pecados. Cada verbo é um aoristo, indicando ação completa, “em que o autor se coloca em pensamento no momento em que esses homens colhem as conseqüências dos seus pecados: seu castigo é tão certo, que ele considera como se já tivesse acontecido”.¹³

Aqui Judas descreve “Um Trio de Rebeldes Religiosos”: 1) Caim — o adorador que apresentou (sacrificou) pouco demais; 2) Balaão — o profeta que orou vezes demais (a respeito da mesma coisa); 3) Corá — o ministro que professou demais (reivindicando santidade e autoridade igual às de Moisés e Arão).

F. JULGAMENTOS PREDITOS SOBRE APÓSTATAS CONTEMPORÂNEOS, 12-16.

1. *Descrição dos Perversos* (vv. 12,13)

Tendo traçado paralelos entres esses falsos irmãos e seus precursores do AT, Judas agora usa uma série de metáforas cheias de vida para continuar caracterizando esses indivíduos.

Estes são manchas (v. 12; *spilades*). A palavra também pode significar “rochas submersas” (NVI), “envolvendo um perigo insuspeito de naufrágio na fé e no caráter”.¹⁴ **Vossas festas de caridade** eram chamadas de festas de amor (*agapais*). Eram refeições comuns “desfrutadas pelos cristãos primitivos em conexão com seus cultos, com o propósito de nutrir e expressar o amor fraternal”.¹⁵

Ao participar dessas festas de amor, esses hereges aproveitavam a ocasião para promover glotonaria e imoralidade, da mesma forma que a igreja de Corinto caiu em facções e bebedeira (1 Co 11.17-22).

A frase **apascentando-se a si mesmos sem temor** foi melhor traduzida pela NVI como: “São pastores que só cuidam de si mesmos”. Possivelmente, Judas estava pensando nos “falsos pastores” do AT que se apascentavam a si mesmos mas negligenciavam o rebanho (Ez 34.2, 8, 10).

Eles **são nuvens sem água**, prometendo muito, mas não produzindo coisa alguma. Eles impressionam com suas afirmações, mas são vazios quanto aos benefícios de uma boa chuva. Eles são como as nuvens, **levadas pelos ventos**, sendo inconstantes e imprevisíveis (Hb 13.9; 2 Pe 2.17).

Esses enganadores são **como árvores murchas, infrutíferas, duas vezes mortas**. Eles estão “em pecado, primeiro pela natureza, e depois pela apostasia”.¹⁶ Eles serão, portanto, **desarraigadas**. Esses enganadores não apresentam frutos porque não têm raízes plantadas na “graça de Deus” (cf. Mt 7.20).

Essas pessoas são **ondas impetuosas do mar** (13). Esse “quadro de ondas bravas que lançam todo tipo de lama e lodo na praia (cf. Is 57.20) sugere vividamente o despudor ou a falta de vergonha com que os falsos irmãos, por meio das suas palavras e ações, mostram a sua corrupção interior”.¹⁷

Eles são **estrelas errantes**. Moffatt os chama de “cometas ou meteoros errantes”, que “abandonaram suas próprias órbitas e se afastaram da direção do Senhor”.¹⁸ Ao saírem de sua própria órbita, eles estão se extinguindo em pecado e rumando em direção à **negrura das trevas** para sempre.

2. *Castigo Declarado* (vv. 14,15)

Notas de condenação são tocadas nos versículos 12,13, mas aqui se vê claramente uma cena de julgamento.

a) *A declaração solene de Judas* (vv. 14,15). O apóstolo está convencido de que esses apóstatas contemporâneos cumprem uma profecia antiga. Ele cita e aprova a voz profética de julgamento mais antiga conhecida — a de Enoque — e a mais recente, ou seja, dos “apóstolos de nosso Senhor Jesus Cristo” (v. 17; cf. 2 Pe 2.1-22).

b) *A profecia de Enoque* (vv. 14,15). Esses apóstatas modernos não só eram tipificados pelos exemplos antigos de apostasia (vv. 5-11), mas **Enoque [...] profetizou também** acerca desses homens (v. 14). **Enoque, o sétimo depois de Adão** (Gn 5.4-24) — não o primeiro de Caim (Gn 4.17,18) — não é mencionado em nenhum outro lugar nas Escrituras como um profeta ou “vidente santo”. A profecia a que se refere Judas aqui é encontrada no *Livro de Enoque* 60.8; 93.3. Esse é um escrito apócrifo, conhecido pelos escritores e leitores judeus da literatura do NT. (Veja Introdução, “Características”).

Eis que é vindo o Senhor. “A primeira vinda de Cristo foi revelada a Adão; a segunda e gloriosa vinda, a Enoque”.¹⁹ Enquanto Adão anteviu Cristo como Salvador, Enoque anteviu o Salvador como o Juiz e Vingador. **Milhares dos seus santos** indubitavelmente refere-se aos anjos santos que acompanharão o Senhor na sua volta (cf. Dt 33.2; Zc 14.5; Mt 25.31; 2 Ts 1.7).

As palavras de Enoque ressaltam a total depravação dos **ímpios** (15), i.e., sua impiedade em pensamento, palavra e ação. O julgamento divino será executado à luz de todos os três aspectos dos pecados dos homens.

Condenar (*exelegai*; ou *elegxai* nos melhores manuscritos) é melhor traduzido por “convencer” (NVI) ou “fazer convictos” (ARA) e significa “mostrar ser culpado”. Se os homens não sentem sua culpa aqui e agora, eles o farão no Julgamento!

c) *A presença e poder do Senhor* (vv. 14,15). **Ímpios pecadores disseram contra ele** — i.e., contra o Senhor — **duras palavras** (“palavras insolentes”, NVI). Desde os dias de Caim e Lameque (Gn 4.23,24) até os de Malaquias (3.13,14), e, depois, até os dias de Pedro (2 Pe 2.1) e Judas (vv. 4, 14,15), o espírito do Anticristo tem se manifestado no mundo.

Judas entende a vinda do Senhor em julgamento como o silenciar da oposição e negação de Cristo. O que poderia ser mais relevante para o nosso mundo, com a sua atitude do tipo “Deus está morto” e seu ateísmo militante internacional, do que as palavras de Enoque acerca do retorno do Senhor? Pouco se fala hoje a respeito de “Pecadores nas Mãos de um Deus Irado” (J. Edwards). A tendência mudou completamente; hoje se fala acerca de “Deus nas Mãos de Pecadores Irados!” (L. Ravenhill).

3. *As Pessoas Julgadas* (v. 16)

Judas não deixa dúvida em relação aos destinatários das suas metáforas nos versículos 12,13 e sobre quem o julgamento divino certamente cairá. Esses “ímpios” são: 1) **murmuradores** contra homens — “resmungões com o espírito de descontentamento latente”; 2) **queixosos** (lit.: “aqueles que culpam o destino”) contra Deus, tendo

se tornado descontentes crônicos; 3) aqueles que andam **segundo as suas concupiscências**, i.e., tornaram-se “escravos dos seus próprios desejos carnaís”;²⁰ 4) vaidosos ou alardeadores, cujas bocas falam **coisas mui arrogantes** (cf. 2 Pe 2.18); 5) lisonjeiros que admiram **as pessoas** (lit.: “admiram os rostos”). Mayor comenta: “Assim como o temor do Senhor elimina o temor do homem, do mesmo modo o desafio a Deus tende a colocar o homem no lugar dele, como a fonte principal do bem e do mal em relação ao próximo”;²¹ 6) interesseiros por ganhos, sempre buscando obter vantagem “daquele que adula”. Bennett os caracteriza bem: “Sempre que possível, eles vociferavam, intimavam e se colocavam no lugar da pessoa superior, mas lisonjeavam os ricos e os bajulavam em troca de jantares e presentes”.²²

SEÇÃO IV

ADMOESTAÇÕES

Judas 17-23

Tendo apresentado o caráter dos falsos irmãos (vv. 4-16), Judas agora aconselha os verdadeiros irmãos (vv. 17-23), delineando como devem se comportar (cf. 1 Tm 3.15).

A. LEMBRAI-VOS DAS PREDIÇÕES, 17-19

1. *A Advertência do Autor* (v. 17)

Semelhantemente a Ezequiel, Judas se considera um atalaia nos muros de Sião. Subversivos perigosos estão agindo na casa de Deus, assim Judas insiste com seus leitores: **lembrai-vos**. Na realidade, ele está dizendo: “Não fiquem de guarda baixa em relação ao que está acontecendo. Sejam realistas!”¹ As palavras **Mas vós** estão na posição enfática tanto no versículo 17 quanto no versículo 20. Judas contrasta fortemente seus leitores/seu público com os “escarnecedores”.

2. *As Palavras dos Apóstolos* (vv. 17,18a)

Será que Judas está se referindo às **palavras** orais ou escritas dos **apóstolos de nosso Senhor Jesus Cristo** (17)? Os estudiosos apresentam diferentes posições aqui. A melhor resposta parece aquela que diz que não podemos ter certeza. É suficiente saber que os leitores/público de Judas tinham ouvido ou lido as palavras dos apóstolos e precisavam apenas recordá-las.

Paulo (1 Tm 4.1-2; 2 Tm 3.1-13) e Pedro (2 Pe 2.1—3.4), seguindo o padrão do **nosso Senhor Jesus Cristo** (Mt 24-3-42), advertiram a respeito do **último tempo** (18). Essa expressão significa o final da ordem do mundo presente, que terá o seu clímax na Segunda Vinda e será acompanhada pela obra julgadora do Messias.

O **último tempo**, os anos imediatamente antecedentes à Segunda Vinda, será marcado por zombaria (2 Pe 3.3) à “fé que uma vez foi dada aos santos”. A “fé” será indubitavelmente “boicotada como se fosse heresia, e a única heresia que vai sobreviver.”² Se esses **escarnecedores** “transformaram a graça de Deus em libertinagem”, escreve Mayor, “eles naturalmente escarneceriam [...] daqueles que tinham uma [...] posição firme acerca dos mandamentos divinos: se desfaziam da autoridade e tratavam as coisas espirituais com irreverência, se alardeavam sua própria vergonha e anunciavam palavras arrogantes e ímpias, se rejeitavam a Deus e a Cristo, eles naturalmente escarneceriam da idéia de um julgamento futuro”.³

3. O Caminho dos Apóstatas (18b,19)

Esses escarnecedores andam **segundo as suas ímpias concupiscências** (18), deixando que os seus desejos pervertidos ditem o que é certo e errado. Eles são anarquistas morais e espirituais! Eles **são os que causam divisões** (19), separando-se da “comunhão viva dos cristãos”. Eles “criam facções” e “dividem comunidades” (Phillips).

Eles são **sensuais** (*psuchikoi* — i.e. “naturais”; cf. 1 Co 2.14; 15.44, 46). Ellicott prefere a tradução “sensoriais” — significando “governados pela razão e paixão humanas, e não se elevam acima do mundo dos sentidos”.⁴ Eles **não têm o Espírito**. Como “separatistas” em espírito e “sensualistas” na mente e no corpo, esses ímpios estão sem o Espírito de Deus (e de Cristo) e, portanto, não são dele (Rm 8.9).

B. CONSERVAI-VOS NO AMOR DE DEUS, 20-21

Conservai (*teresate* — um imperativo aoristo, ressaltando urgência) **a vós mesmos** (21), admoesta Judas, porque tanto anjos quanto homens apostataram (vv. 5-19). “A preocupação de Judas é que seus leitores continuem a combater o bom combate da fé”.⁵ Judas ressalta o lado divino (vv. 1, 24) e o humano (v. 21) na perseverança cristã, da mesma forma que Paulo fez em Filipenses 2.12,13.

Spurgeon colocou acima da porta de entrada da Faculdade Pastoral de Londres estas palavras: “Conservando, serei conservado”. “Uma verdade preciosa!”, comenta Shank. “Mas nem a primeira parte da frase nem a segunda podem sustentar-se sozinhas. Elas são complementares. Juntas, elas abrangem o significado das palavras do nosso Salvador: ‘Permanecei em mim, e eu permanecerei em vós’ ”.⁶

Ao mencionar a **caridade de Deus**, Judas tem em mente primeiro o amor de Deus por nós e então o amor dele através de nós por Ele e pelos outros. Os crentes são conservados em seu amor por meio de três disciplinas espirituais: **edificando, orando e esperando**. Cada termo é um particípio presente, indicando uma atividade contínua. Mas “não uma atividade independente e hipócrita”; é uma dependência voluntária e uma cooperação com Deus para a sua atividade graciosa em nós e por meio de nós (Fp 2.12,13).

Mas vós (20), em contraste com os “escarnecedores” (v. 18) que estão destruindo a fé, buscais edificar-vos a vós mesmos. Como Bengel mostra: “Aquele que se protege primeiro, é capaz então, e só então, de proteger os outros”.⁷ Essa edificação da fé está inseparavelmente ligada à Palavra de Deus — a “fé de uma vez por todas confiada aos santos” (v. 3, NVI) — e à oração (v. 20). Veja Romanos 10.17; 1 Pedro 2.2; 2 Pedro 3.18.

Judas chama a fé cristã histórica de **santíssima** (*hagiotate* — “nada pode ser mais santo”⁸), porque, como diz Mayor: “ela vem a nós da parte de Deus, e revela Deus a nós, e é por meio dela que o homem se torna justo e é capacitado a vencer o mundo (1 Jo 5.4-5)”.⁹

Orando no Espírito Santo significa, de acordo com Ellicott: “orar em sua força e sabedoria; Ele move nossos corações e dirige nossas petições”.¹⁰

No pensamento do NT, o Espírito Santo é ativo em toda oração verdadeira, mas há níveis mais baixos e mais elevados da sua operação. Ele é “O Melhor Mestre de Oração do Mundo”: 1) Toda oração verdadeira — desde a oração do penitente até a do glorificado — é *pelo* Espírito Santo (Ef 2.18; 1 Co 12.3). 2) Toda pessoa que ora deveria *orar pelo* enchimento do Espírito Santo (Lc 11.13; At 4.31; 8.14-17). 3) Somente crentes cheios do Espírito podem *orar no* Espírito Santo (v. 20; Rm 8.26,27; Ef 5.18; 6.18).

Esperando a misericórdia de nosso Senhor Jesus Cristo, para a vida eterna (21) expressa mais uma necessidade. “Para que os fiéis sejam preservados na vida cristã, eles devem continuamente aguardar a vinda do Senhor”.¹¹ Aqueles que o aguardam, enquanto guardam a fé (2 Tm 4.7) e a si mesmos **na caridade de Deus** (21), certamente amarão “a sua vinda” (2 Tm 4.8). Para esses, a vinda dele significará **miseri-córdia**, não “juízo” (v. 4) e vai conduzi-los à **vida eterna**, não ao “fogo eterno” (v. 7).

Embora Judas tenha ressaltado uma responsabilidade humana apropriada na vida cristã, “mesmo assim”, escreve Adam Clarke, “esse *edificar, orar e conservar*, não pode nos fazer merecer o céu: porque, depois de toda a diligência, seriedade, abnegação, olhar atento, obediência etc., eles devem buscar a **miseri-córdia** do *Senhor Jesus Cristo*, para levá-los à **vida eterna**”.¹²

Uma visão geral de Judas nos obriga a concordar com Weiss, que disse: “Tudo que vem de Deus é originariamente designado nessa epístola como santo”.¹³

“Um Ministério de Santidade do Novo Testamento” resume bem a mensagem de Judas: 1) A Divindade é santa (v. 20). 2) Os anjos não caídos são santos (v. 14, NEB). 3) A fé revelada biblicamente é santíssima (vv. 3, 20). 4) Os crentes autênticos em Cristo são santos (v. 3).

C. BUSCAI OUTROS EM TEMOR PIEDOSO, 22,23

Aqui Judas muda a nossa atenção do cuidado da nossa própria alma para a busca da alma dos “falsos irmãos” e “daqueles que eles desviaram do caminho”.¹⁴

O texto de Judas 22,23 “tem sido preservado em diversas formas”, comenta Bo Reicke, “e é impossível determinar qual é o original”.¹⁵ Enquanto a KJV considera apenas duas classes de pecadores nesses versículos, a ASV indica três. A tradução e comentários de Wesley aqui — apoiados por Clarke — parecem altamente satisfatórios: 1) “A alguns — *que estão oscilando* em julgamento, confundidos por outros ou pelo seu próprio raciocínio perverso — esforcem-se ainda mais para *convencê-los* acerca da verdade plena encontrada

em Jesus. 2) *Alguns arrebatem*, com uma mão forte e veloz, do fogo do pecado e da tentação. 3) *A outros mostrem compaixão* de maneira meiga e gentil, mas *com um temor zeloso*, para que não sejam vocês próprios infectados com a doença que estão procurando curar”.¹⁶

Na verdade, Judas está dizendo que a defesa de uma *doutrina evangélica vital* não deve diminuir a *evangelização vigorosa* deles. A última parte do versículo 23 tem sido traduzida da seguinte maneira: “Detestem qualquer vestígio do pecado deles, enquanto têm compaixão deles como pecadores” (Bíblia Viva).

SEÇÃO V

A BÊNÇÃO

Judas 24,25

“Aqui está a doxologia mais completa do Novo Testamento”, diz A. E. Harris, “uma conclusão oportuna para uma carta tão séria e sagrada como essa”.¹ Se Judas chega a ser conhecido ou notado pelos cristãos em geral, é por causa do uso freqüente dos versículos 24-25 nas liturgias e compêndios de adoração.

A. CÂNTICO DE LOUVOR DOS PIEDOSOS, 24

Embora plenamente ciente dos “perigos que rondavam os seus dias”, Judas não apresenta “pânico em seu coração”.² Sua fé está firmemente arraigada naquele que **é poderoso** para preservar na graça aqui e para apresentar em glória na vida futura todo aquele que segue as admoestações dos versículos 17-23. Tendo advertido seus leitores com insistência dos perigos presentes, Judas agora dirige suas mentes Àquele que pode protegê-los dos erros e maldades dos quais tem falado.

Deus **é poderoso para vos guardar de tropeçar** (*aptaistous*, ou “escorregar”). Tendo nos guardado durante a nossa provação aqui, Ele é poderoso para nos apresentar **irrepreensíveis** [...] **perante a sua glória**, mesmo no trono do julgamento! A palavra **irrepreensíveis** (*amomous*, sem culpa) é um termo técnico usado para um animal a ser sacrificado, “sem mácula nem ruga” (cf. Lv 1.3, 10; 3.1; Ef 1.4; 5.27; Cl 1.22; 1 Pe 1.19). Essa salvação final trará **alegria** (“grande alegria”, NVI) — àqueles que são preservados “para o seu Reino celestial” (2 Tm 4.18). O céu ressoará com cânticos de vitória e triunfo — “Regozijemo-nos e alegremo-nos, e demos-lhe glória” (Ap 19.7).

B. DEUS, NOSSO SALVADOR, 25

Judas chega ao clímax da sua carta ao fazer alusão **ao único Deus, Salvador nosso**. A palavra **único** (*mono*) descarta todos os outros pretendentes à divindade. A religião bíblica é monoteísta, mas o **único Deus** de Judas subsiste em três Pessoas — “Deus Pai” (vv. 1, 21), “nosso Senhor Jesus Cristo” (vv. 1, 17, 21) e o “Espírito Santo” (v. 20). (Cf. Dt 6.4; Is 45.5; Jo 17.3).

Junto com outros, Judas atribui poder de salvação a Deus Pai (Lc 1.47; 1 Tm 1.1; 2.3; 4.10; Tt 1.3; 2.10; 3.4) bem como a Jesus Cristo. Mas, o Pai salva o homem *por meio* de Jesus Cristo. Os cristãos vivem, escreve Barclay, “com a grande e confortadora certeza de que acima de qualquer coisa há um Deus cujo nome é Salvador”.³

A frase **por Jesus Cristo, nosso Senhor**, depois de **Salvador**, embora esteja omitida em alguns dos mais antigos manuscritos, deveria fazer parte do texto. Também **antes de todos os séculos** logo após a palavra **poder** é omitido por algumas traduções, mas encontra-se nos melhores manuscritos. Isso, junto com **agora e para todo o sempre**, é “a mais completa declaração da eternidade na linguagem humana”.⁴ AARC inclui essas frases de forma correta: **Ao único Deus, Salvador nosso, por Jesus Cristo, nosso Senhor, seja glória e majestade, domínio e poder** (“autoridade”, NVI), **antes de todos os séculos, agora e para todo o sempre. Amém!**

A declaração quádrupla de louvor de Judas ao único Deus de toda a eternidade é insuperável. **Glória** é “a soma de todos os atributos divinos”.⁵ **Majestade** (somente aqui e em Hb 1.3; 8.1) inclui “tudo que é realmente grande e magnífico”.⁶ **Domínio** fala da sua força para cumprir os seus propósitos. **Poder** fala do seu direito de governar e sua autoridade soberana. **Glória** e **majestade** pertencem especialmente à sua individualidade singular, enquanto **domínio** e **poder** pertencem à sua soberania divina.

A conclusão de Judas é “majestosa e comovente. Ela eleva os pensamentos”, escreve Reicke, “dos conflitos terrenos com os quais o autor tem sido forçado a se ocupar, até os reinos celestiais, onde Deus é entronizado no meio de poder e honra eterna”.⁷ É com essa “perspectiva cósmica radiante” que devemos entender o chamado do cristão, seu conflito e sua conquista final.

Notas

INTRODUÇÃO

- ¹ J. C. Beker, "Letter of Jude", *The Interpreter's Dictionary of the Bible*, ed. George A. Buttrick, et al., II (Nova York: Abingdon Press, 1962), p. 1009.
- ² *New Testament Introduction: Hebrews to Revelation* (Chicago: Inter-Varsity Press, 1962), p. 229. Veja também Zahn, A. T. Robertson, Lenski e Cranfield.
- ³ Bo Reicke, *The Epistles of James, Peter, and Jude* ("The Anchor Bible"; Garden City, Nova York: Doubleday & Company, Inc., 1964), p. 192.
- ⁴ *The Letters of John and Jude* ("The Daily Study Bible"; Filadélfia: The Westminster Press, 1960), p. 189.
- ⁵ F. F. Bruce, "The Gospel of Thomas", *Faith and Thought: Journal of the Victoria Institute*, Vol. 92, Número 1 (Verão, 1961), p. 4.
- ⁶ *Ibid.*
- ⁷ John A. T. Robinson, *Twelve New Testament Studies* (Naperville, Illinois: Alec R. Allenson, Inc., 1962), pp. 133-4.
- ⁸ *Op. cit.* p. 233; cf. Reicke, *op. cit.*, p. 191.
- ⁹ Robert Robertson, "The General Epistle of Jude", *The New Bible Commentary*, ed. F. Davidson, et al. (Grand Rapids: Wm. B. Eerdmans Publishing Co., 1953), p. 1161.
- ¹⁰ Reicke, *op. cit.*, p. 191.
- ¹¹ "The Epistles of St. Peter and St. Jude", ("The International Critical Commentary"; Nova York: Charles Scribner's Sons, 1905), p. 316.
- ¹² "The General Epistle of Jude", *The Expositor's Greek Testament*, ed. W. R. Nicoll, V (Grand Rapids: Wm. B. Eerdmans Publishing Co., 1951), pp. 211-5.
- ¹³ *Op. cit.*, p. 246.
- ¹⁴ *Op. cit.*, p. 190.
- ¹⁵ *Op. cit.*, p. 1009.
- ¹⁶ *Op. cit.* p. 227.
- ¹⁷ Beker, *loc. cit.*
- ¹⁸ Joseph B. Mayor, *The Epistle of St. Jude and the Second Epistle of St. Peter* (Grand Rapids: Baker Book House, 1965), p. 56. Esses grupos de três podem ser encontrados nos versículos 2, 3-8, 11, 16, 19, 20 e 21 (um conjunto de três duplo), 22- 23, 25 (ASV).
- ¹⁹ Guthrie, *op. cit.*, p. 248.
- ²⁰ *Ibid*, p. 240.
- ²¹ *Ibid*, p. 249.

SEÇÃO I

- ¹ Judas menciona o "Senhor" sete vezes de maneira específica (4, 5, 9, 14, 17, 21, 25).
- ² *Op. cit.*, p. 205.
- ³ *Ibid.*
- ⁴ William Barklay, *A New Testament Wordbook* (Nova York: Harper & Brothers, s.d.), p. 61.
- ⁵ EGT, vol. V, p. 253.
- ⁶ Thomas Manton, *An Exposition on the Epistle of Jude* (Londres: The Banner of Truth Trust, 1958 [reed.]), p. 72.

SEÇÃO II

- ¹ *I & II Peter and Jude* ("Torch Bible Commentaries": Londres: SCM Press, Ltd., 1960), p. 69.
- ² John Albert Bengel, *Gnomon of the New Testament*, trad. William Fletcher, 2ª ed., vol. V (Edimburgo: T. & T. Clark, 1860), p. 163.
- ³ EGT, V, p. 255.
- ⁴ *The New Testament for English Readers* (Chicago: Moody Press, s.d.), p. 1770.
- ⁵ *Op. cit.*, p. 1162.
- ⁶ Joseph H. Thayer, *A Greek-English Lexicon of the New Testament* (Nova York: American Book Co., 1889), p. 54.
- ⁷ *Op. cit.*, p. 163.
- ⁸ *The General Epistles* ("The New Century Bible"; Edimburgo: T. C. & E. C. Jack, 1901), p. 331.
- ⁹ Citado por N. M. Williams, "Commentary on the Epistle of Jude", *An American Commentary on the New Testament*, ed. Alvah Hovey (Filadélfia: American Baptist Publication Society, 1888), p. 8.
- ¹⁰ *Explanatory Notes upon the New Testament* (Londres: The Epworth Press, 1958 [reed.]), p. 927.
- ¹¹ W. E. Vine, *An Expository Dictionary of New Testament Words* (Londres: Oliphants Ltd., 1957), pp. 255-6.
- ¹² *The Letters of John and Jude*, p. 211.
- ¹³ *The New Testament in the Language of the People* (Chicago: Moody Press, 1960), p. 541.
- ¹⁴ *Op. cit.*, NBC, p. 1162.
- ¹⁵ Bennett, *op. cit.*, p. 243.
- ¹⁶ **Ímpios** é a palavra-chave em Judas. Ela aparece quatro vezes em Romanos, três vezes em Timóteo e Tito, uma vez em 1 Pedro e três vezes em 2 Pedro, mas ocorre seis vezes em Judas. **Ímpios** é o oposto de "piedoso" ou "piedade", que significa "reverência devida a Deus, expressando-se em adoração e uma vida devota e obediente" (Bennett, *op. cit.*, p. 260).
- ¹⁷ Barclay, *The Letters of John and Jude*, pp. 211-2.
- ¹⁸ Adolf Deissmann, *Light from the Ancient East*, trad. Lionel R. M. Strachan. Ed. nova e completamente rev. (Nova York: Harper & Brothers, s.d.), pp. 350-5.

SEÇÃO III

- ¹ James Moffatt, *The General Epistles* ("The Moffatt New Testament Commentary"; Nova York: Harper and Brothers Publishers, s.d.), p. 231.
- ² *A Commentary on the Epistle of Jude* (Grand Rapids: Zondervan Publishing House, 1960), p. 63.
- ³ Ezequiel inclui soberba, fartura, prosperidade e insensibilidade para com os pobres e necessitados como parte da iniquidade de Sodoma (16.49).
- ⁴ R. C. H. Lenski, *The Interpretation of the Epistles of St. Peter, St. John and St. Jude* (Columbus, Ohio: The Wartburg Press, 1945), p. 625.
- ⁵ *Ibid.*
- ⁶ Barclay, *The Letters of John and Jude*, p. 220.
- ⁷ *Commentaries on the Catholic Epistles*, trad. e ed. Rev. John Owen (Grand Rapids: Wm. B. Eerdmans Publishing Co., 1948), p. 438.
- ⁸ *Op. cit.*, p. 334.
- ⁹ *The General Epistles of St. Peter and St. Jude*, "The Cambridge Bible for Schools and Colleges", ed. J. J. S. Perowne (Cambridge: University Press, 1893), p. 181.
- ¹⁰ *Commentary on the New Testament* (Nova York: Phillips & Hunt, 1880), V, p. 229.
- ¹¹ *The Letters of John and Jude*, p. 221.

- ¹² A. T. Robertson, *Word Pictures in the New Testament* (Nashville: Sunday School Board of the Southern Baptist Convention, 1933), vol. VI, p. 191.
- ¹³ Charles John Ellicott (ed.) *The Epistles of Peter, John, and Jude* ("The Layman's Handy Commentary" Series); Grand Rapids: Zondervan Publishing House, 1957), p. 278.
- ¹⁴ Bennett, *op. cit.*, p. 336.
- ¹⁵ W. F. Arndt e F. W. Gingrich, *A Greek-English Lexicon of the New Testament and Other Early Christian Literature* (Chicago: The University of Chicago Press, 1957), p. 6.
- ¹⁶ Wesley, *op. cit.*, p. 929.
- ¹⁷ Cranfield, *op. cit.*, p. 164.
- ¹⁸ *op. cit.*, p. 239.
- ¹⁹ Wesley, *op. cit.*, p. 929.
- ²⁰ Mayor, *The Epistle of St. Jude and the Second Epistle of St. Peter*, p. 76.
- ²¹ Mayor, EGT, vol. V, p. 272.
- ²² *Op. cit.* p. 340.

SEÇÃO IV

- ¹ E. G. Homrighausen, "The Epistles of Jude" (Exposição), *The Interpreter's Bible*, ed. George A. Buttrick, *et al.*, vol. XII (Nova York: Abingdon Press, 1957), p. 337.
- ² Carl F. H. Henry, "The Decline of Theology", *Christianity Today*, vol. X (1966), p. 428.
- ³ EGT, vol. V, p. 273.
- ⁴ *Op. cit.*, p. 283.
- ⁵ Robert Shank, *Life in the Son* (2ª ed.; Springfield, Modesto: Wescott Publishers, 1961), p. 237.
- ⁶ *Ibid.*, p. 282.
- ⁷ *Op. cit.*, p. 169.
- ⁸ *Ibid.*
- ⁹ *The Epistle of St. Jude and the Second Epistle of St. Peter*, p. 49.
- ¹⁰ *Op. cit.*, p. 284.
- ¹¹ Cranfield, *op. cit.*, p. 168.
- ¹² *The New Testament of Our Lord and Saviour Jesus Christ* (Nova York: Abingdon Press, s.d.), vol. II, p. 956.
- ¹³ *Biblical Theology of the New Testament*, trad. Rev. James E. Duguid (Edimburgo: T. & T. Clark, 1883), vol. II, p. 239, nota de rodapé.
- ¹⁴ Cranfield, *op. cit.*, p. 169.
- ¹⁵ *Op. cit.* p. 215.
- ¹⁶ Wesley, *op. cit.*, p. 931; cf. Clarke, *op. cit.*, p. 956.

SEÇÃO V

- ¹ Arthur Emerson Harris, *Bible Books Outlined*, Student's Revised Edition (Filadélfia: The John C. Winston Co., 1933), p. 112.
- ² *Ibid.*
- ³ *The Letters of John and Jude*, p. 245.
- ⁴ A. T. Robertson, *op. cit.*, p. 196.
- ⁵ Lenski, *op. cit.*, p. 650.
- ⁶ Calvin, *op. cit.*, p. 449, nota de rodapé.
- ⁷ *Op. cit.*, p. 217.

Bibliografia

I. COMENTÁRIOS

- ALFORD, Henry. *The New Testament for English Readers*. Chicago: Moody Press, s. d.
- BARCLAY, William. *The Letters of John and Jude*. "The Daily Study Bible". Filadélfia: The Westminster Press, 1960.
- BARNETT, Albert E. "The Epistle of Jude" (Exegesis). *The Interpreter's Bible*. Ed. G. A. Buttrick, Vol. XII, Nova York: Abingdon Press, 1957.
- BENNETT, W. H. *The General Epistles*. "The New Century Bible"; Edimburgo: T. C. & E. C. Jack, 1901.
- BIGG, Charles. *The Epistles of St. Peter and St. Jude*. "The International Critical Commentary". Ed. C. A. Briggs, S. R. Driver e Alfred Plummer. Nova York: Charles Scribner's Sons, 1905.
- CALVIN, John. *Commentaries on the Catholic Epistles*. Ed. John Owen. Grand Rapids: Wm. B. Eerdmans Publishing Co., 1948.
- CLARKE, Adam. *The New Testament of Our Lord and Saviour Jesus*, Vol. II. Nashville: Abingdon Press, s. d.
- CRANFIELD, C. E. B. *I & II Peter and Jude*. "Torch Bible Commentaries". Londres: SCM Ltd., 1960.
- HOMBRIGHAUSEN, E. G. "The Epistle of Jude" (Exposition). *The Interpreter's Bible*. Ed. G. A. Buttrick, Vol. XII. Nova York: Abingdon Press, 1957.
- LENSKI, R. C. H. *The Interpretation of the Epistles of St. Peter, St. John and St. Jude*. Columbus, Ohio: Wartburg Press, 1945.
- MANTON, Thomas. *An Exposition of the Epistle of Jude*. Londres: The Banner of Truth Trust, 1958 (reed.).
- MAYOR, J. B. *The Epistle of St. Jude and The Second Epistle of St. Peter*. Grand Rapids: Baker Book House, 1965 (reed.).
- _____. "The General Epistle of Jude". *The Expositor's Greek Testament*. Ed. W. R. Nicoll, Vol. V. Grand Rapids: Wm. B. Eerdmans Publishing Co., 1951.
- MOFFATT, James. *The General Epistles*. "The Moffatt New Testament Commentary". Nova York: Harper and Brothers Publishers, s. d.
- PLUMPTRE, E. H. *The General Epistles of St. Peter & St. Jude*. "The Cambridge Bible for Schools and Colleges". Ed. J. J. S. Perowne. Cambridge: University Press, 1893.
- REICKE, Bo. *The Epistles of James, Peter, and Jude*. "The Anchor Bible". Ed. W. F. Albright e D. N. Freedman. Garden City, Nova York: Doubleday & Company, Inc., 1964.
- ROBERTSON, A. T. *Word Pictures in the New Testament*. Vol. VI. Nashville: Sunday School Board of the Southern Baptist Convention, 1933.
- ROBERTSON, Robert. "The General Epistle of Jude". *The New Bible Commentary*. Ed. F. Davidson. Grand Rapids: Wm. B. Eerdmans Publishing Co., 1953.
- WESLEY, John. *Explanatory Notes upon the New Testament*. Londres: The Epworth Press, 1958 (reed.).
- WOLF, Richard. *A Commentary on the Epistle of Jude*. Grand Rapids: Zondervan Publishing House, 1960.

II. OUTROS LIVROS

- ARNDT, W. F. e GINGRICH, F. W. *A Greek-English Lexicon of the New Testament and Other Early Christian Literature*. Chicago: Univesity of Chicago Press, 1957.
- BARCLAY, William. *A New Testament Word Book*. Nova York: Harper & Bros., s. d.
- CHARLES, P. H. *The Apocrypha and Pseudepigrapha of the Old Testament*. Oxford: Clarendon Press, 1913.
- GRANT, Robert M. *A Historical Introduction to the New Testament*. Nova York: Harper & Row, 1963.
- GUTHRIE, Donald. *New Testament Introduction: Hebrews to Revelation*. Chicago: Inter-Varsity Press, 1962.
- HARRISON, Everett F. *Introduction to the New Testament*. Grand Rapids: Wm. B. Eerdmans Publishing Co., 1964.
- HAYES, D. A. *The New Testament Epistles*. "Biblical Introduction Series". Nova York: The Methodist Book Concern, 1921.
- PAMPHILUS, Eusebius. *The Ecclesiastical History of Eusebius Pamphilus*. Trad. C. F. Cruse, Londres: G. Bell and Sons, Ltd., 1917.
- ROSE, Delbert R. "Epistles of John and Jude" (Leader's Guide). *Aldersgate Biblical Series*. Ed. Donald M. Joy. Winona Lake, Ind.: Light and Life Press, 1964.
- SHANK, Robert. *Life in the Son*. 2ed. Springfield, Mo.: Westcott Publishers, 1961.
- STEVENS, G. B. *The Theology of the New Testament*. "International Theological Library". Nova York: Charles Scribner's Sons, 1905.
- VINE, W. E. *An Expository Dictionary of New Testament Words*. Londres: Oliphants Ltd., 1957.
- WEISS, Benhard, *Biblical Theology of the New Testament*. "Clark's Foreign Theological Library". Trad. J. E. Duguid, 2 vols. Edimburgo: T. & T. Clark, 1833.
- ZAHN, Theodor. *Introduction to the New Testament*. Trad. John Trout, et al., Vol. II. Grand Rapids: Kregel Publications, 1953 (reed.).

III. ARTIGOS

- BEKER, J. C. "Letter of Jude". *The Interpreter's Dictionary of the Bible*. Ed. George A. Buttrick, et al., Vol. II. Nova York: Abingdon Press, 1962.
- MOOREHEAD, W. G. "The Epistle of Jude". *The International Standard Bible Encyclopedia*. Ed. James Orr, Vol. III. Chicago: The Howard-Severance Co., 1930.

COMENTÁRIO BÍBLICO BEACON

10

Hebreus a
Apocalipse

O *Comentário Bíblico Beacon* traz uma interpretação abrangente da Bíblia Sagrada elaborada por 40 teólogos evangélicos conservadores. São 10 volumes, cinco para o Antigo Testamento e cinco para o Novo.

Em cada livro bíblico são comentados versículos de forma expositiva, exegética e sempre com uma sugestão homilética, o que torna o *Beacon* particularmente útil para pregadores e professores da Escola Dominical. Mas também ele tem uma característica devocional que faz dele uma obra cativante e indispensável a todos os crentes que desejam estudar a Palavra de Deus.

Beacon tem erudição teológica, todavia num tom equilibrado na sua interpretação e no seu objetivo inspiracional. Seu formato é atraente e prático.

Seus comentaristas e editores acreditam que esta obra é de grande valor para todos que buscam descobrir as verdades profundas da Palavra de Deus, que “subsiste eternamente”.

Richard S. Taylor
A. E. Harper
Roy S. Nicholson
Eldon R. Fuhrman
Harvey J. S. Blaney
Delbert R. Rose
Ralph Earle

ISBN 85-263-0694-4



9 788526 306943

REFERÊNCIA / COMENTÁRIO